TL63

" O papel da Igreja na luta pelos direitos do homem é fundamental na missao da Igreja como defensor da vida e da paz".

A Igreja timorense não teve oportunidade de formalizar a sua escolha, pois a indonesia não lhe deixou tempo para o fazer: - invadiu o território em 7 de Dezembro de 1975 com todo o seu aparato e violência. A destruicão e pilhagem que se seguiram não pouparam mais as igrejas, seminários, as casas religiosas, do que o resto do território. Alguns padres acompanharam as populacões na evacoacão para mato. Os outros ficaram nas vilas e aldeias ocupadas. Mas todos viveram os horrores de uma ocupacão militar estrangeira, cuja brutalidade exterminou um terço da populacão de Timor-leste. E todos-ou quase-todos-os membros deste clero fortificaram no sofrimento a sua ligacão ao povo timorense, partilhando a sua rejeicão do invasor e as suas aspiracões á libertacão.

"A Igreja de Timor servindo como abrigos aos timorenses que correndo o risco de perseguicões, de tortura, da morte ou do desaparecimento".

"A Igreja de Timor foi o defensor dos direitos fundamentais do homem e salvaguardar a dignidade do povo timorense".

Os timorenses encontramam na igreja um dos raros refúgios para a sua identidade e responderam com a adesão massiva: os católicos que, depois de cinco séculos de colonizacão português constituiam 30% da populacão timorense, eram já 90% após alguns anos de dominacão indonesia, Afirma-se cristão é também uma forma de se afirmar diferente do ocupante islâmico.

Em 1977, Monsenhor Martinho da Costa Lopes foi nomeado como administrador apostólico da diocese de Dili, substituindo bispo português de Dili.
Monsenhor Lopes assume posicão, que se tornam cada vez mais claras, na defesa do seu povo e na denuncia do Genocidio praticado pelo invasor indonesia.

As suas palavras desagradam e em Maio de 1983, apesar dos protestos do clero e da populacão em geral, é convidado pelo vaticano a apresemtar a sua demissão.

Para o substituto é nomeado o Monsenhor Carlos Filipe Ximenes Belo, pelo vaticano ao fim de facilitar a integracão.
Monsenhor Belo não pode porém alhear-se do sofrimento que o rodeava e assumir também a defesa dos direitos do seu povo, denunciando, em 1983 e 1984, a clamorosa situação de Timor-L: dizendo "vivemos debaixo da opressão. Timor-leste é como uma prisão. A indonesia volta a colonizar Timor e os timorenses vão tornar-se na sua própria terra cidadao de segunda classe. A solucão para este conflito passa pelo respeito do direito de um povo à autodeterminacão..."

Os abusos dos direitos humanos continuam "a tortura que se tornou normal em Timor-leste".

O monsenhor Belo no seu longo silêncio, em 6 de Fevereiro de 1989 escreveu uma carta ao secretario geral das nacões unidas, pedindo um referendo para o povo de Timor porque "até agora o povo ainda não foi consultado; são os outros que falam em seu nome..."
Logo que é conhecido a carta ao secretario geral das nacões unidas, aumentam as pressões sobre o Monsenhor Belo.
Os ministros de Jacarta e chefes militares indonésios critícam o Monsenhor, chegando mesmo a ameaçar.

Este proposta do Monsenhor Belo foi aprovado por lider da resistência nacional timorense, Xanana Gusmao, na sua carta datada 5 de Outubro do mesmo ano; esclareçe :
"Nos aprovamos totalmente a proposta do nosso Bispo, o Bispo de Dili, D. Ximenes Belo. E acrescentamos, para pôr ponto final a quaisquer dúvidas que ainda persistam, que dar-se o caso de o povo maubere, sob a supervisão da comunidade internacional, "reafirmar" o seu desejo de integracão na indonesia, nós os guerrilheiros das Falintil, deporemos as armas sem hesitacão nem demoras ! ".

Tambem nós os jovens estudantes timorenses em 6 de Setembro de 1989 escrevemos ao secretario geral das nacões unidas, manifestando a nossa soliedaridade a proposta de D. Ximenes Belo,

E afirmamos o nosso reconhecimento da posicão firme pelo Bispo de Dili, D. Carlos Ximenes Belo, como expressão politico-religiosa oficial do povo de Timor-leste e a "realizacao imediata" de um "REFERENDUM" como forma democrático e mais viável de uma solução pacífica do caso de Timor-Leste. Depois de ser conhecido a carta ao secretario geral da ONU, fomos perseguidos e alguns amigos foram apahhados e torturados pelos agentes secretos indonésios.

Semanas depois tivemos acesso a imformação de que a visita papal estava previsto para dia 12 de Outubro do mesmo ano, imediatamente reuni com os meus amigos da rede clandestina para planear uma manifestação pacífica durante a visita do Papa. Conseguimos saber todas estratégicas dos indonésios de transformar esta visita papal na questão politica,para dar vista aos olhos do mundo como um reconhecimento da integração por parte do vaticano.

Nós os jovens aproveitamos o maximo da estrategias indonesia para quebrar as barreiras de segurança das forças especiais indonesios, ao fim de mostrar ao Papa e a cobertura da imprensa internacional sobre a exigência e aspiracão do povo timorense a sua autodeterminacão e independência. No fim da missa, nós actuamos e manifestamos com vôz da esperança do povo, mostramos cartazes e panfletos; citamos: "Santo padre salvai-nos da barbaridade dos indonésios", "Santo padre o povo timorense cede a paz e justiça", "Viva Timor , terra de santa cruz", etc, etc. Entretanto os indonesios atacaram e tiraram os cartazes das maos dos jovens. Comecou então uma cena de pancadaria, das forças de segurança aos jovens manifestantes.

Após o regresso do Santo Padre as forças indonésias realizaram grandes operacões de capturas aos jovens manifestantes.
A repressão abateu-se sobre nós. Maioria dos jovens refugío-se na residéncia do Monsenhor Belo. Cerca de 40 jovens ja aí encontravam, houve numerosas prisões.
Eu escapei da perseguição dos agentes secretos indonesia e estive varios noites nos bosques proximo de Dili. Tendo sabido que os militares fizeram refens a minha familia e então no dia seguinte procurei refugio na residéncia do Bisno Belo.

Dias depois os militares dos serviços secretos, o governador civil tentaram tirar-nos,mas o Bispo Belo assumiu a nossa proteção.
A tencão aumentou, tendo conhecimento de que a vida do Bispo corria perigo, a população reuniu-se a volta da residência episcopal para defender o Bispo e os jovens que estavam refugiados. As tropas de ocupação enviaram dois blindados e cerca de um batalhão de militares para dispersar os manifestantes.
No dia seguinte o comandante militar do território e os seus oficiais entravam forçadamente na casa episcopal e ameacaram levar o Bispo se nós os jovens não saíssemos.
Nós saimos depois de o comandante militar nos ter prometido diante do Bispo, que não seriamos torturados e que seriamos libertados depois de um curto interrogatório.
Fomos levados para postos dos comandos de boinas vermelhas. levaram-nos para interrogar sucessivamente à 4 instalacões militares, em todos estes locais fomos torturados seriamente com: queimaduras de cigarros, choques electricos, punhal espetados nas costas, pancadas na cabeça, canos de armas apontados ao peito, a cabeça e na boca. Os meus amigos sofreram o mesmo.

Os interrogatórios e as torturas prolongaram-se durante 15 dias e apresionaram-nos na sela durante 3 meses.

Em 17 de Janeiro de 1990, centenas de jovens manifestaram-se diante do John Monjo, o embaxador norte Americano em visita à Dili, Protestando contra a repressão e pedindo a nossa libertacão. Os indonesios responderam sempre da mesma maneira.

Em 4 de Setembro de 1990, ao final de uma missa celebrada pelo Núncio apostólico em jakarta, Monsenhor Francesco Canalini, pelo 50º aniversário da diocese de Dili, os timorense realisavam uma nova manifestação a favor da autodeterminacão e independência. Os indonesios respondem sempre da mesma maneira: prisões e torturas, desaparecimentos e massacres, centenas de pessoas foram victimas desta barbaridade.

A situação semelhante aconteçe nos dias que antecederam a suspensão da visita dos parlementares portugueses.
O primeiro acontecimento ocorido na igreja de Motael na noite de 28 de Outubro de 1991, 2 dias depois de Lisboa ter anunciado

a suspensão da visita. - inscrevem-se nesta escala desesperada do ocupante indonesia: assaltos a igreja por forças de segurança e bando para-militares financiados e organizados por jakarta, a que se juntou a tropa, e de que resultou a morte de Sebastiao Rangel e Afonso Henriques e a prisão de 20 jovens timorenses que tinham procurado refúgio naquela igreja. Nos dias seguintes, o exercito de suharto apareceu a acusar a igreja Catolica como albergue e instigadora de sentimentos anti-indonesia. O porta voz das forças armadas indonesias, afirmou, a proposito dos incidentes de 28 de Outubro, que estavam a"investigar se há uma ligação entre a igreja e a Fretilin". O comandante militar do territorio, que atribui a responsabilidade do incidente à jovens que estariam albergados numa casa nas traseiras da igreja de Motael por ter provocado. Na sequencia deste, segundo o comandante militar, teriam sido presas 50 pessoas das quais 18 foram mantidas sob custodia para apuramento da responsabilidades.

O incriminatório e responsabilizador dos soldados-magalas de jakarta forçaram D. Ximenes Belo á sair a terreiro a denunciar a situacão e a recusar-se a assistir a Conferência Episcopal indonesia "tanto como observador como convidado". Em carta dirigida ao presidente da conferência, Monsenhor Belo informa que decidir não ir a jakarta em "Protesto" pela arrogância das forças armadas indonesias (...) mataram um jovem chamado Sebastiao Gomes". A decisao do Bispo Belo foi reforçada pelo noticiario da TV indonesia, em que eram atribuidas- atraves de relatos mentirosos, falsos e fabricados" todas as responsabilidades do acontecido a igreja de Timor-leste.

O preço do sangue

Não fora a presença de uma mão cheia de estrangeiros - entre os quais vários profissionais da informação - e os acontecimentos de ocorridos no dia 12 de Novembro no cemiterio de Santa Cruz em Dili teriam passado despercebidos aos olhos do mundo, como ja tantas veses ocorrera no passado (lembremos o massacre de Kraras, acontecido em setembro de 1983 que, apesar de denunciado por Monsenhor Ximenes Belo, foi ignorado pelos poderes instituídos e pelos "mass media").

Os relatos feitos pelos jornalistas norte-americanos Amy Goodman, da"pacifica radio", e Allan Nairn, do"new yorker",

à sua chegada a Guam, após terem presenceado o massácre de Santa Cruz e em que tambem foram agredido pelos soldados de Suharto, transformaram-se num poderoso testemunho da actuação dos militares indonesios e contra a hipocresia de quem os tem procurado proteger. Mas a medida que as horas passavam, mais relatos de outras testemunhas daquele sangrento acontecimento vinham confirmar e completar as primeiras informações.
Aos poucos, o civilizado mundo ocidental foi dando conta daquele horror e, timidamente, tomando posição.

Mas, enquanto os movimentos de cidadaos reagiram visando o estatuto colonial de jakarta, os poderes instituídos tentaram colocar o massacre do seu quadro político, isto é desligando-o da recusa da nação timorense em ser parte da indonésia, "explicando-o" alguns deles pela insatisfação dos jovens motivada pela falta de empregos...na Indonesia!

O impacto do massacre de Dili tera tendência a esbater-se Nisso jogam a indonesia e os seus aliados. Mas o opinião pública mundial, e muito particularmente os activistas do movimento social, ficaram marcados pela memoria do Sangue do cemitério de Santa Cruz que será como que uma espada apontada a hipocrisia da nova-velha ordem.

A figura-se dificil para as igrejas, como para os governos, consiliar os valores do Evangelho. ou do direito, dos quais se dizem devedores, com a defesa de outros interesses, sem desmentirem os principios a que se vincularam.

Se o estado português tem ~~umpa~~ um papel de primeiro plano, até em virtude da sua incumbência constitucional, na conquista de novos aliados para a defesa dos direitos que assistem o povo timorense, as igrejas cabe tambem desemvolver uma acção semelhante junto de outras igrejas. Os esforços feitos até hoje são ainda poucos, face a gravidade do problema e nenhuma oportunidade de intervenção deve ser desperdiçada.

O genocidio em Timor-leste não se resume aos seus 200 mil mortos, nem é um facto passado. hoje, sob formas mais subtis, continua a pretender-se levar a cabo em Timor o esmagamento de um povo. Uma nova geração de timorense se levanta, reclamando a liberdade e independéncia a que tem direito. É preciso ajudar a viver o povo de Timor-Leste.

Lisboa, 24 de Abril de 1992 - Domiciano Cruz